

MAURÍCIO WALDMAN



ONDE FICA O IMPÉRIO ALMORÁVIDA?

**Leituras Divergentes na Representação Espacial do
Passado Africano pela Cartografia Escolar**



**EDITORA KOTEV
CARTOGRAFIA 7**

ONDE FICA O IMPÉRIO ALMORÁVIDA?

Leituras Divergentes na Representação Espacial do Passado Africano pela Cartografia Escolar ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Resumo: Repetidamente, a cartografia tem sido apresentada como uma disciplina técnica, fato que embora verdadeiro, não pode omitir uma outra verdade: a de que os mapas constituem imagens cuja construção envolve influentes injunções culturais e políticas. Enquanto tal essa matriz se reflete na interpretação dos espaços representativos de grupos, povos e culturas que se inserem num regime de estereotípias negativas junto ao pensamento ocidental. Em especial, essa assertiva é verdadeira para o continente africano. O texto que segue, avalia essa nuance com base na comparação de duas representações cartográficas do Império Almorávida: uma delas presente num Atlas escolar brasileiro e outra, procedente de um livro didático africano. As diferentes noções que secundam as duas imagens constituem um dos muitos demonstrativos do quanto a cartografia pode trabalhar regimes de sentido vinculados a formas dessimétricas que transitam em meio a diferentes grupos, refletindo paradigmas opostos e discrepantes entre si.

Palavras-chave: Cartografia escolar, Percepção do Espaço, Imaginário Ocidental, África Negra, Preconceito Racial.

SUMMARY: Repeatedly, cartography has been presented as a technical discipline, even though true, cannot omit another truth: that maps are images which construction involves fruitful cultural and political orders. As such this interpretation is reflected in the matrix of spaces representing groups, peoples and cultures that are part of a system of negative stereotypes within Western thought. In particular, this statement is true for the African continent. The text that follows, evaluates this nuance based on the comparison of two cartographic representations of the Empire Almoravid: one of them present in a Brazilian school Atlas and another, coming from an african textbook. The different notions seconded the two images are one of the many statements of how the mapping can work towards schemes linked to asymmetric forms that travel among different groups, reflecting differing paradigms and opposing each other.

Keywords: Cartography school, Perception of Space, Western Imaginary, Black Africa, Racial Prejudice.

INTRODUÇÃO

Seguramente os mapas constituem relevantes peças denunciadoras do imaginário construído pelas civilizações relativamente à percepção do espaço. *Pari passu*, cumprem importante papel quanto à socialização dos dados territoriais e seu ordenamento por parte dos diferentes grupos humanos.

Resgatando uma dita do geógrafo norte-americano Denis Cosgrove, tanto a paisagem quanto o mapa constituem palavras-chave da geografia. Ademais, na ponderação desse mesmo autor, conceitualmente ambos reclamam averbação cultural, o que os conecta, pois a modelos que inserem diversificado elenco de imagens mentais (Vide COSGROVE, 2008:1).

Nesse sentido, note-se que os mapas constituem uma abstração da realidade. Sua elaboração está fortemente conotada pela seletividade dos dados que explicitam. Outrossim, inserindo códigos articulados a diferentes contextos sociais, culturais e políticos, as elaborações cartográficas refletem os modos como o espaço é percebido e vivenciado, repercutindo diretamente nas expectativas de grupos, povos e civilizações.

No mundo contemporâneo, um dos vetores privilegiados da cartografia são os mapas didáticos e/ou escolares. Enquanto ferramenta pedagógica, o mandato da cartografia escolar é modelar a percepção do espaço habitado, sendo a sala de aula o teatro privilegiado desse aprendizado espacial (WALDMAN, 1997 e OLIVEIRA, 1978).

Sequencialmente, o texto em curso insere tripla preocupação.

A primeira delas, seria pontuar a existência de um regime de estereotípias geográficas que secularmente incidem sobre o continente africano. Enquanto tal, essa inferência reporta de modo cabal ao universo da desqualificação dos africanos e da sua cultura. Ou seja: tem por marco mais amplo a questão do preconceito racial.

É mister sublinhar que as leituras negativas direcionadas contra a África pelo mundo ocidental são de longa data. De fato, as fabulações europeias a respeito do continente são encontradas num variado leque de elaborações socioculturais. Podemos detectá-las desde as antigas noções greco-romanas identificando as regiões quentes como pátria de semi-monstros e de humanos embrutecidos, até as interpretações bíblicas

que imputam uma maldição aos descendentes de Cam, identificados na Baixa Idade Média e na Idade Moderna com os negros africanos ³.

Um amplo rol de preconceitos dos europeus *vis-à-vis* aos povos de raça negra foi reforçado e reelaborado com a irrupção do tráfico negreiro e da escravatura colonial. Objetivamente, noções inferiorizando os africanos tiveram nítida associação com a expansão mercantilista, onde um ideário de cunho racista, desumanizando os africanos, tinha por meta precípua a legitimação da escravidão e por extensão, assegurar a reprodução econômica do sistema de *plantation* (HRBEK, 2011: 23).

No que constitui uma aferição indiscutível, conquanto existam visões estereotipadas cultivadas contra outros povos e regiões do Planeta, a África, mais do que qualquer outro continente, terminou encoberta por um véu de preconceitos que ainda hoje marcam os modos como ela é percebida (Cf. ANJOS, 1989).

Nessa perspectiva, o continente, condenado ao papel de espaço periférico da humanidade e despojado de virtudes, além de ser considerado como desprovido de interesse para a civilização, seria igualmente alheio a ela, injunções que de resto, foram amplamente respaldadas pelos expoentes da chamada “grande intelectualidade europeia” ⁴.

Este empenho em subalternizar a totalidade do continente trouxe como resultado o comprometimento da compreensão da África, problemática que se mantém viva até os dias de hoje:

“Um dos efeitos políticos da distorção e da invisibilidade da África nas estratégias do sistema dominante é o lugar insignificante e secundário que foi dedicado à sua historiografia em todas as histórias da humanidade. As matrizes culturais e tecnológicas do continente africano foram as mais comprometidas pelo racionalismo científico e as estratégias de dominação, ocultação e apropriação dos saberes, contextos ainda não resolvidos neste início de século XXI” (ANJOS, 2009:19).

Um segundo ponto pertinente à temática desse texto, atende ao fato matricial de que não é possível um entendimento do Brasil descartando-se o conhecimento do continente africano. Se em termos gerais a desqualificação da África constitui um fato grave em si mesmo, tal postura atinge as raias do paroxismo quando estamos nos referindo à realidade brasileira, toda ela perpassada por heranças culturais trazidas pelo homem africano. Na contramão, os vínculos mantidos com a África importam em

razão de toda sorte de influências brasileiras que vicejaram no outro lado do Atlântico. Basta conferir:

“O Brasil é um país extraordinariamente africanizado. E só a quem não conhece a África pode escapar o quanto há de africano nos gestos, nas maneiras de ser e de viver e no sentimento estético do brasileiro. Por sua vez, em toda a outra costa atlântica podem-se facilmente reconhecer os brasileirismos. Há comidas brasileiras na África, como há comidas africanas no Brasil. Danças, tradições, técnicas de trabalho, instrumentos de música, palavras e comportamentos sociais brasileiros insinuaram-se no dia-a-dia africano. E comum que lá se ignore que certo prato ou determinado costume veio do Brasil. Como, entre nós, esquecemos o quanto nossa vida está impregnada de África. Na rua. Na praça. Na casa. Na cidade. No campo” (Vide COSTA E SILVA, 1994).

Em terceiro lugar, numa proposição agora atinente à geografia, a desqualificação da África se corporificou paralelamente em formas enviesadas pelas quais o continente foi trabalhado pela cartografia ocidental e antecipando uma das conclusões, uma vez claro que o mapa não se refere a uma imagem exclusivamente técnica, ele pode contribuir para com a perpetuação de estigmas, indissociáveis de uma engrenagem cultural de discriminação.

Como recorda o escritor Eduardo GALEANO, se a economia imperial saqueia as riquezas, a história oficial se apropria da memória e a cultura formal rouba a palavra, cabe à geografia tradicional usurpar o espaço alheio (1998).

A discussão dessa nuance, sugerindo a adoção de novas metodologias e o resgate da cidadania cartográfica de um continente inteiro, é o que segue adiante.

ÁFRICA, MODELOS DE DOMINAÇÃO E CARTOGRAFIA

Com base no que foi exposto, estaremos a seguir abordando um notório caso de omissão da representação de um Estado de base africana, o Império Almorávida, num material escolar brasileiro.

No caso, trata-se do *Atlas Histórico Escolar* (ALBUQUERQUE, 1983), uma edição de cartografia histórica cuja utilização foi tradicional durante muito tempo no ensino brasileiro de segundo grau.

De outra parte, o contraponto será a edição de *História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde* (PAIGC, 1975), material elaborado pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e das Ilhas de Cabo Verde (PAIGC), agremiação política fundada por Amílcar Cabral, um dos líderes que encabeçaram a luta para colocar um ponto final na presença do colonialismo no continente.

Primeiramente, situemos alguns dados históricos sobre o foco central deste texto, a saber, a expansão dos almorávidas. O ano é 1030, quando se iniciou no Marrocos uma campanha religiosa com forte coloração política.

Conduzida por Abdallah Ibn Yassin, sua meta era recuperar a influência que os berberes tinham perdido diante dos árabes. Sem obter audiência no país, Ibn Yassin migrou com um pequeno grupo para o Rio Senegal, onde fundou um movimento muçulmano fortemente proselitista, conhecido como almorávida ⁵.

Em 1042, após converterem milhares de berberes saarianos e grupos negros da região do baixo curso do Senegal (o *Tekrur*), os almorávidas encetaram uma audaciosa *Jihad*. Qual seja: uma Guerra Santa. Em apenas 20 anos, esta os fez senhores de um vasto domínio, que se estendia das plagas sahelianas ⁶ até o centro da península ibérica, incluindo todo *Al-Andalus* (Andaluzia), ilhas Baleares e a costa ocidental da Argélia.

O que originalmente era não mais que um movimento local por reformas junto aos berberes, tornara-se um grande império, alojado entre os rios Ebro e Senegal. Para o exercício do seu poder, os almorávidas fundaram no Marrocos uma nova capital, Marrakesh, relativamente equidistante entre os dois extremos do Estado, mais 3.500 quilômetros de distância no sentido Norte-Sul (Figura 1).

No transcurso destes eventos, os almorávidas islamizaram boa parte do antigo Império do Ghana ⁷, que ocupava partes dos atuais Mauritânia e Mali. Sob seu governo, vicejou uma cultura mista, hispano-árabe-berbere-negra, influenciando toda a população. Na África, o Estado Almorávida articulou-se num espaço com largo histórico de ocupação humana. Seu eixo foram as imemoriais rotas de comércio que uniam o Mediterrâneo à África Negra, bordejando a certa distância o Atlântico e atravessando o interior do Magreb.

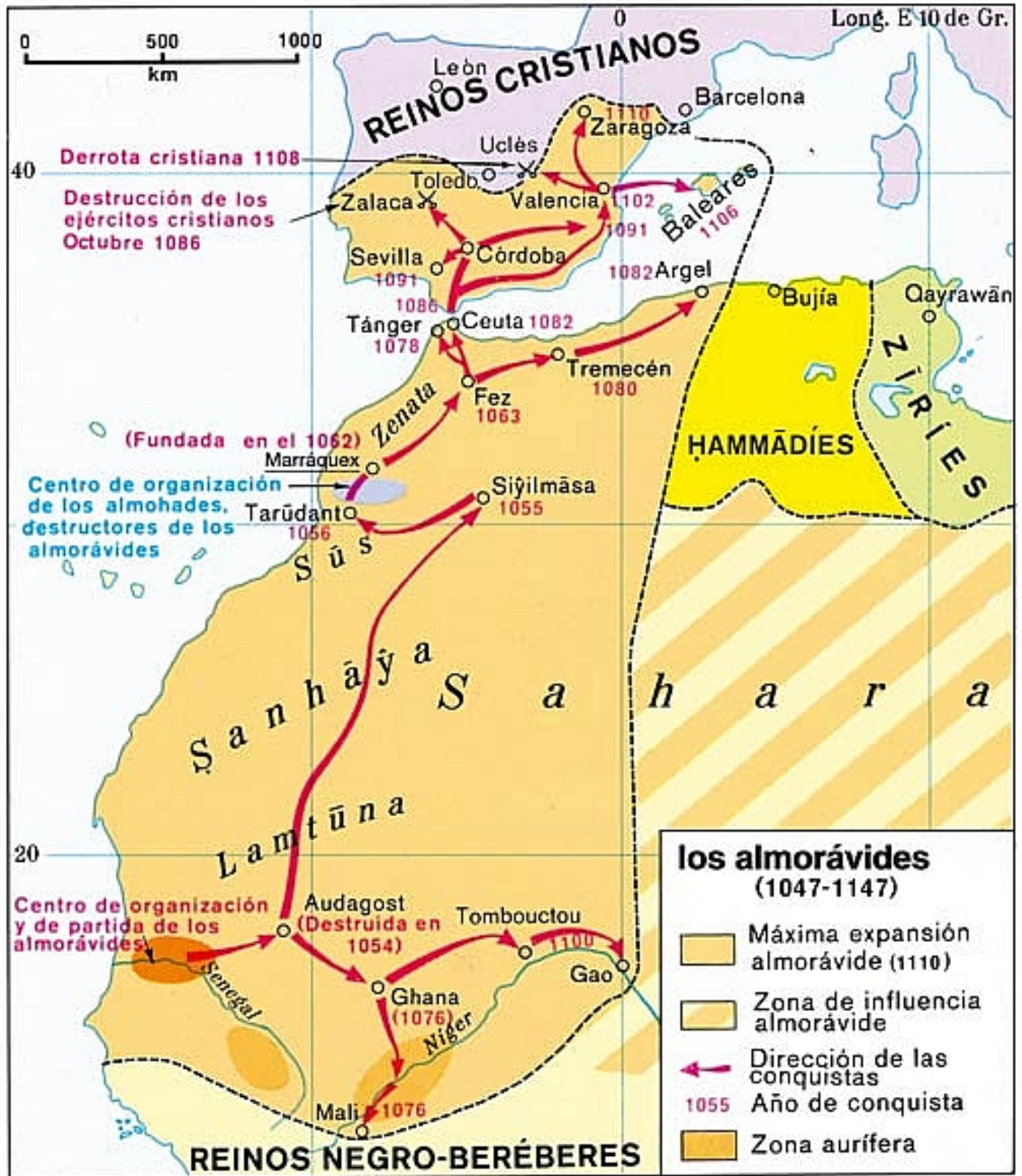


FIGURA 1 - Extensão máxima do Império Almorávida, primórdios do Século XII (Fonte: < <https://sahara-question.com/en/opinions/moroccan-islam-and-beginning-empire> >. Acesso: 12-09-2010).

Dominando um território dotado de diferentes potencialidades naturais, com influente civilização urbana e mantendo controle sobre os cobijados caminhos que respaldavam contatos comerciais entre a África e Europa, deve-se considerar que em seu conjunto, do ponto de vista econômico, essa extensa faixa atlântica unia países de economias complementares, favorecendo trocas de todo tipo (HRBEK *et* DEVISSE, 2011: 425).

Com base nesse quadro geográfico, os emires almorávidas auferiram poder e glória durante cem anos, quando então foram sucedidos pela nova dinastia dos Almoadas. Tendo este cenário como pano de fundo, é possível coletar representações cartográficas ocultando aspectos que de um modo ou de outro, atendem a pressupostos de um imaginário histórico e espacial europeu. Um claro exemplo do que colocaremos sob discussão é o mapa da península ibérica durante o Século XII - tal como editado pelo Atlas Histórico Escolar - representando o Emirado dos Almorávidas e os reinos cristãos do período (Figura 2).

Neste mapa, um dado que chama atenção é seu caráter altamente seletivo. Com efeito, embora o Estado Almorávida abarcasse vastas áreas da África Ocidental, foi destacada unicamente sua porção setentrional, isto é, sua porção peninsular. Numa leitura imediata, o mapa sugere implicitamente os atuais Espanha e Portugal como atores privilegiados na oposição aos geoestratégicos dos almorávidas, o que não corresponde plenamente à verdade.

Recorde-se que apesar de a Ibéria ter sido de grande importância para os almorávidas, por si mesma ela não explicava a organização espacial do império e tampouco, suas vicissitudes políticas, culturais e históricas. Nada neste mapa ocidental denuncia a íntima relação dos almorávidas com a África. Por tabela, exclui a proeminência geográfica da parte africana, a começar pelo fato da formação do Estado ter se iniciado no vale do Senegal.

Outro detalhe importante é que o mapa, apesar de mostrar o poder almorávida instalado na porção africana do Estreito de Gibraltar, isto em nada contradiz o viés eurocêntrico da representação cartográfica. Como se sabe, o Islam alcançou o solo ibérico cruzando este pequeno braço de mar (14,2 quilômetros). Na contramão, este marco natural tornou-se uma meta das Guerras de Reconquista, movidas desde o século VIII contra a presença islâmica. A saber: o destaque dado a Gibraltar coaduna com o pressuposto inconfesso pelo qual os invasores serão empurrados de volta pelo mesmo estreito, explicando assim a representação desse braço de mar no mapa.



FIGURA 2 - O Império Almorávida na visão europeia: No mapa, o domínio ibérico dos almorávidas e os reinos cristãos da reconquista (ALBUQUERQUE, 1983: 102).

No que seria alegoria emblemática da mitologia ibérica da reconquista, seria importante rubricar que a não representação do Império Almorávida em sua plena extensão condiz igualmente com uma série de estigmas culturais que corroboram uma percepção negativa dos povos da margem sul do Mediterrâneo e do interior do continente africano.

No caso ibérico, estas noções são inseparáveis de populações que a historiografia portuguesa e espanhola classifica como “mouras”. Ora utilizado como sinônimo de muçulmano ou então para designar povos e grupos extremamente diferenciados entre si, o termo parece transitar com liberdade total por todo o continente ⁸. As fontes tradicionais europeias também evidenciam escassa precisão na identificação dos onipresentes “mouros”. Além da sinonímia com os islâmicos ⁹ e eventualmente com os

árabes, não são incomuns as designações “mouros brancos” e “mouros negros” (*Blackmoors* em inglês).

Na realidade, é no que explica a performance inter-racial da palavra mouro, enquanto grupo os chamados mouros substantivavam bem mais uma entidade sociológica do que uma inferência antropológica. Em larga medida a terminologia diz respeito a comunidades compostas basicamente por berberes e negro-africanos, com leve miscigenação com sarracenos, que passaram por um forte processo de islamização a partir do Século VII.

Outra cautela reportaria ao conceito de “bérbere”. Referindo-se a povos que tem sido repetidamente definidos como autóctones em quase todo o Norte africano, esse grupo parece ter mantido miscigenação desde o mais longínquo passado com as populações negras vizinhas. No que também importaria para esta discussão, recorde-se que a terminologia “bérbere”, que frequenta com assiduidade a literatura que versa sobre os almorávidas, não corresponde propriamente a um grupo racial.

Pondera Mário Curtis GIORDANI, os berberes, a despeito de uma série de traços culturais comuns, não se associam a uma unidade étnica: o que realmente existe são línguas de tronco comum faladas por uma heterogênea coleção de povos (1985: 42-43). Assim, a palavra berbere subscreve uma *família linguística*, abrangendo muitas nações diferentes, dentre estas, inclusive aquelas cujas características físicas são fortemente marcadas pela africanidade.

Fato frequentemente esquecido existem muitas populações negras no Saara, no deserto oriental e central, e, sobretudo nos seus rincões ocidentais. Nesse último caso, trata-se dos *haratin*, cuja origem ainda é objeto de muita discussão. Formando grupos identificados com os oásis do Sul marroquino, do Saara Ocidental e da Mauritânia, os *haratin*, no que reflete a ocorrência de trocas culturais, já foram classificados como “berberes negros”.

Decerto, seria igualmente oportuno frisar que a moderna literatura histórica observa um povoamento negro do continente numa extensão bem maior do que a existente hodiernamente. Senão vejamos:

“Atual e aparentemente, atestado está que o povoamento neolítico do Saara foi amplamente dominado por negros, cujos vestígios são identificáveis até o Adrar. Posteriormente ao ressecamento climático, o povoamento branco (os líbio-berberes)

avançou rumo ao Sul, chocando-se, todavia com a organização dos camponeses negros, como aqueles do Dhar Tshit, ancestrais dos soninquês de Gana. Os sítios defensivos do Dhar Tshit traduzem bem esta organização dos negros para resistirem às pressões dos nômades líbio-berberes [...] Mesmo estudando os textos árabes e as tradições orais, vemos que os Negros chegavam, na época histórica, muito mais ao Norte que atualmente. Eles dominavam o Tagant, o Awkar, o Hodh (Hawd), o Tiris e o Adrar. Uma análise destes dados permite situar os soninquês no Tagant e no Hodh, ao passo que outras partes da atual Mauritânia foram habitadas por ancestrais dos serer e dos fula. Estes dois grupos viveram, outrora, em conjunto, não somente no Sul da Mauritânia, mas, igual e posteriormente, no Fouta da Mauritânia, mas, igual e posteriormente, no Fouta Toro” (MEDEIROS, 2011: 155).

Outro dado significativo decorre da própria etimologia da palavra mouro. Proveniente do Latin *maurus* (plural *mauri*), a palavra *mouro* significa “negro” e/ou “escuro” ¹⁰. Toponimicamente o termo derivou em Mauritânia, hoje designando uma nação africana independente e no passado, a província romana quem se estendia na franja noroeste da África. Portanto, estamos seja como for, diante de uma terminologia que no passado e no presente é indissociável das terras africanas.

De outra parte, contradizendo pareceres que insistem em demasia numa dicotomia opondo berberes nômades e a população sedentária negra, e conquanto a realidade dos conflitos entre estes dois grupos não possa ser negada, simultaneamente, seria válido observar que “as necessidades de ordem econômica e política conduziram os brancos e os negros a uma simbiose e a uma real cooperação. Eis a razão pela qual não é mais permitido interpretar as relações das etnias sahelianas, brancas e negras, somente em termos de enfrentamentos raciais e religiosos” (MEDEIROS, 2011: 156).

Consequentemente, no contexto do espaço articulado pelo Império Almorávida, presenciamos *populações africanas, nas quais o componente negro não pode de forma alguma ser negligenciado* ¹¹. Foi no seio de grupos racialmente compósitos, nas paragens hoje formadas pelo Saara Ocidental, Sul do Marrocos e Mauritânia, que Abdallah Ibn Yassin fez prioritariamente sua pregação, incluindo, pois, amplos segmentos de origem negra.

Não seria a toa então, como bem registrou o historiador português Antonio Borges COELHO (1973), que tambores de couro de hipopótamo fizeram eco nas planícies da Andaluzia, instigando o exército almorávida a seguir adiante. Evidência que se impõe

por si mesma, tanto o couro desses tambores quanto a soldadesca nos remete diretamente para o *hinterland* da África Negra.

Em face desse mesmo arrazoado, não deve causar surpresa a existência de imagens que registrando os mouros, mostram indivíduos com traços fenotípicos nitidamente negro-africanos (Figura 3), uma evidência certamente muito constrangedora aos olhos da historiografia conservadora e eurocentrada.

A ÁFRICA RESGATADA E REVISITADA

Com base neste pano de fundo, o fato dos mapas escolares sobre a reconquista repetidamente mascararem a representação cartográfica do Império Almorávida é muito reveladora do regime de estereótipos elaborado pelo mundo ocidental com relação aos “outros”.

No caso, ela revela o sentimento “indigesto” de que a Ibéria foi, no passado, dominada por grupos com forte inserção geográfica no interior do continente africano. Algo que, é óbvio, cria certa dificuldade para a legitimação de uma hegemonia que o Ocidente julga ser seu monopólio. E pior: contesta que aos negros caberia um papel de subserviência inata ao homem branco.

Mas, no que evidencia a força das inflexões políticas na construção que incorporamos a respeito das imagens do mundo, esse quadro se altera fortemente quando o ponto de vista é o dos africanos e não o dos europeus.

Por sinal, no que serve de alerta para aqueles que no Brasil teimam em relegar a contribuição africana para um segundo plano, os acervos culturais de origem moura não são estranhos nem na paisagem, nem no dia a dia dos brasileiros (Vide CÂMARA-CASCUDO, 2001).

Trazidos por portugueses e espanhóis, toda sorte de legados se incorporaram silenciosamente na forma de ser do brasileiro: hábitos culinários, o uso do turbante, muxarabis, maneirismos sociais, a utilização de alpargatas, a crença em sereias, modalidades de dança, estilos musicais, técnicas de montar cavalos, manifestações folclóricas e formas arquitetônicas, seriam algumas das variadíssimas marcas de origem moura que estão presentes no panorama etnográfico nacional.



FIGURA 3 - Iconografia retratando mouros negros entretendo-se com um jogo de xadrez no *Al-Andalus*, cercados de criadagem também do mesmo grupo (Fonte: Arquivos da University of North Florida, in: < <http://www.unf.edu/classes/freshmancore/core1images/muslimhousholdinspain-1283.jpg> >. Acesso: 13-13-2013).

Assim sendo, o dinamismo que magnetiza a sociedade humana incorpora o contraditório e a apresentação de outras visões de mundo, que se indispõem com os modelos eurocêntricos voltados para a representação do tempo e do espaço. É deste modo que chegamos ao mapa escolar do PAIGC (Figura 4).

Representação cartográfica voltada para revelar o papel da África na construção da sociedade moderna, esta carta nos mostra a extensão completa do espaço almorávida, assim como sua relação com o Ghana e outros marcadores espaciais da geografia africana, e em particular, com a densa rede hidrográfica, denunciando os contatos desse império com territórios ainda mais meridionais do continente.

Voltado para educar as novas gerações de africanos e inspirá-los na luta pela independência, este mapa é em si mesmo revelador da disparidade de móveis que magnetizam a construção da consciência política, assim como o importante papel desempenhado pela cartografia neste processo (WALDMAN, 2010).

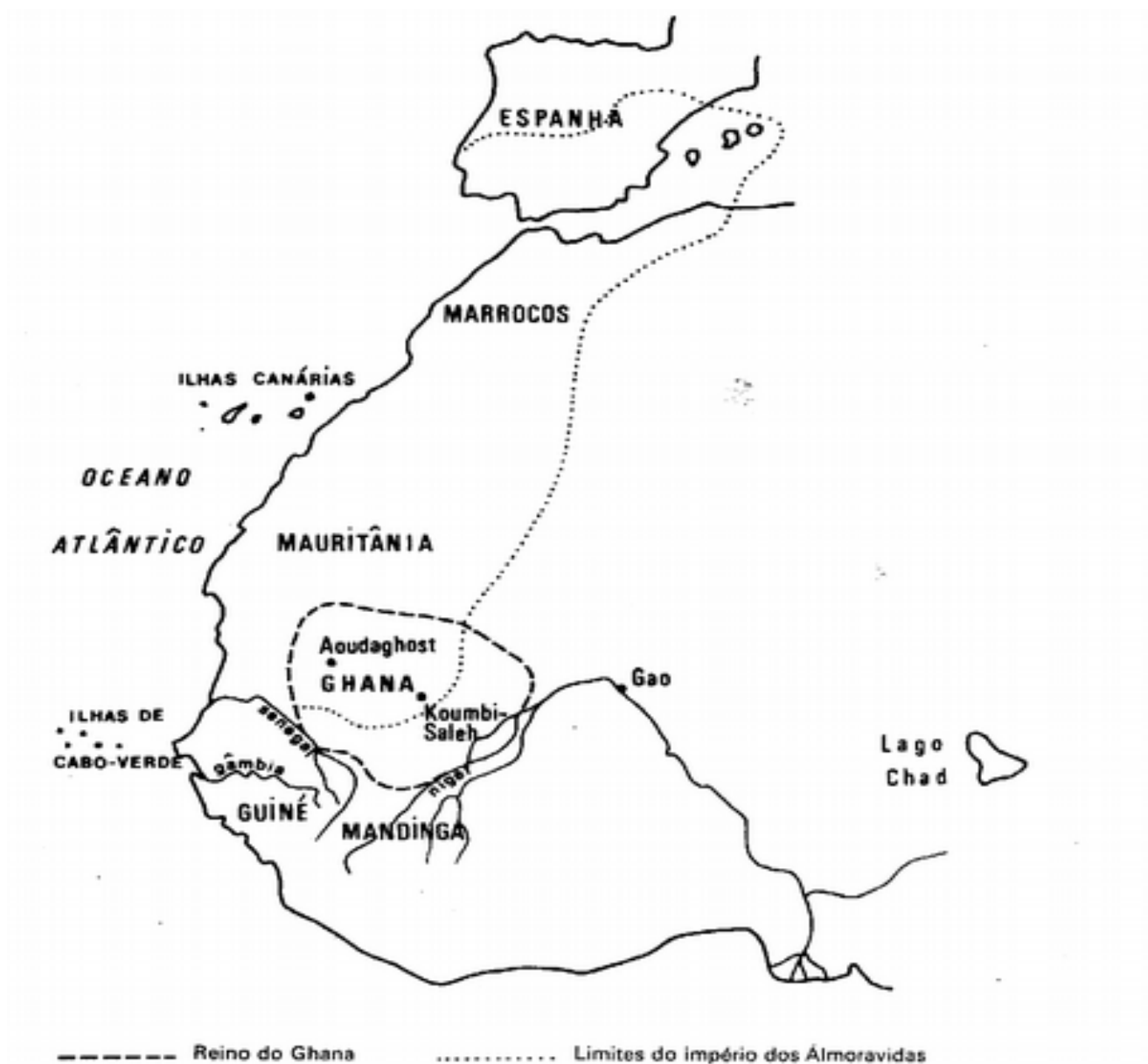


FIGURA 4 - O Império Almorávida numa visão africana, também destacando o Império do Ghana, um dos grandes e antigos Estados tradicionais do Sudão Ocidental anteriores à intrusão europeia (PAIGC, 1975: 29).

Para concluir, podemos arremedar que a liberdade não é apenas um sentimento ou uma forma de percepção do real. Ela é uma expectativa que busca uma materialidade.

Daí também ser, a seu modo, um compromisso com o espaço, com uma geografia que por pretender-se livre, torna-se um privilegiado caminho para a esperança.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Manoel Maurício *et alli*. *Atlas Histórico Escolar*. 8ª edição, revista e atualizada. Rio de Janeiro (RJ): Ministério da Educação e Cultura-Fundação Nacional de Material Escolar. 1983;

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Quilombos: Geografia Africana - Cartografia Étnica, Territórios Tradicionais*. Brasília: Mapas Editora & Consultoria. 2009;

_____. *A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para uma África Desmistificada*. Revista Humanidades, nº. 22, Retratos da África, pp. 12-32. Brasília (DF): Editora da Universidade de Brasília (UNB). 1989;

APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa do Meu Pai - A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Contraponto. 1997;

BOARD, Christopher. *Os Mapas como Modelos*. In: Modelos Físicos e de Informação em Geografia. Richard J. Chorley e Peter Haggett (Coordenação). São Paulo e Rio de Janeiro (SP-RJ): Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1975;

CÂMARA-CASCUDO, Luís da. *Mouros, Franceses e Judeus - Três Presenças no Brasil*. São Paulo (SP): Global Editora. 2001;

COELHO, António Borges. *Comunas ou Conselhos* (Cadernos de Hoje, nº. 13). Lisboa (Portugal): Prelo Editora. 1973;

COSGROVE, Denis. *Geography and Vision Seeing, Imagining and Representing the World*. Londres e Nova York: I. B. Tauris. 2008;

COSTA, Ricardo da. *História Afro-brasileira: A expansão árabe na África e os Impérios negros de Gana, Mali e Songai (Séculos VII-XVI)*. In: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. *História Medieval: História II*, pp. 34-53. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009. Texto disponível *on line* em:

< <http://www.ricardocosta.com/pub/imperiosnegros2.htm> >. Acesso em 13-12-2009. 2009;

COSTA E SILVA, Alberto da. *O Brasil, a África e o Atlântico no Século XIX*. Revista do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), Volume 8, nº. 21. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo (USP). 1994;

CRUZ, Fátima da. *Mapas: (Re) Cortes Coloniais*. A Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/FEUC/FLUC. nº. 1, 2006. Texto disponível *on line* em: < <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n1/ensaios.php> >. Acesso em 22-03-2010. 2006;

DUBY, Georges. *Atlas Historique Mondial*. Paris (França): Larousse - Essays et Documents. 2011;

GALEANO, Eduardo. *Patatas arriba - La escuela del mundo al revés*. Buenos Aires (Argentina): Catálogos S.D.L. 1998;

GIORDANI, Mário Curtis. *História da África Anterior aos Descobrimentos*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes. 1985;

HRBEK, Ivan. Capítulo 1: *A África no contexto da história mundial*. Vol. III: África do século VII ao XI. Capítulo 1. In: História Geral da África, pp. 1-37. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

HRBEK, Ivan et DEVISSE, Jean. *Os Almorávidas*. In: *História Geral da África*. Volume III, Capítulo 13. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

HUNTINGTON, Samuel Phillips. *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva. 1997;

LOWENTHAL, David, 1985, *Geografia, Experiência e Imaginação: Em Direção a Uma Epistemologia Geográfica*. In: *Perspectivas da Geografia*, Antonio Christofolletti (org.), DIFEL, 2ª edição. São Paulo;

MEDEIROS, François de. *Os Povos do Sudão: Movimentos Populacionais*. In: História Geral da África, Volume V, Capítulo 13. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário Cartográfico*. 2ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1983;

OLIVEIRA, Livia de. *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa*. IGEOG/USP, Série Teses e Monografias, nº 32, São Paulo. 1978;

O'LOUGHLIN, John. *Spatial analysis in political geography*. In: A companion to political geography. John Agnew, Katharyne Mitchell e Gerard Toal (Org.), pp. 30-46. 2ª edição. Oxford (Reino Unido): Blackwell. 2003. Texto disponível *on line* em: < http://www.colorado.edu/ibs/pec/john/pb/Companion_to_Pol_Geog_2003.pdf >. Acesso em 18-01-2009. 2003;

PAIGC. *História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde*. Porto (Portugal): Edições Afrontamento. 1975;

PAULME-SCHAEFFNER, Denise. *As Civilizações Africanas*. (Coleção Saber). Lisboa (Portugal); Publicações Europa-América. 1977;

UNESCO. *História Geral da África*. Brasília (DF): UNESCO, com apoio da Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2010;

WALDMAN, Maurício. *Cartografia de África: Mapas, Toponímia e Modelos de Percepção*. Artigo eletrônico disponibilizado a partir de Maio do ano de 2010 no site Geocarto.org - Website de Geografia e Cartografia. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São paulo (FFLCH-USP): Geocarto. 2010;

_____. *O Imaginário de África na Cartografia de Guilherme Blaeu*. Artigo digital disponibilizado a partir de Novembro de 2009 no site Geocarto.org - Website de Geografia e Cartografia. Texto disponibilizado *on line* pela Editora Kotev (Kotev ©) em: < http://mw.pro.br/mw/cartografia_05.pdf >. Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São paulo (FFLCH-USP): Geocarto. 2009;

_____. *Arquétipos, Fantasmas e Espelhos*. In: Revista Geousp nº. 23, Volume 1, pp. 44-63. Universidade de São Paulo (USP): Departamento de Pós-Graduação do Depto. de Geografia da FFLCH-USP: Texto disponível *on line*:

< http://www.mw.pro.br/mw/antrop_arquetipos_fantasmas_e_espelhos.pdf >. Acesso em: 27-10-2012. 2008;

_____. *Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*. In: Revista Geousp nº. 14, pp. 45-64. Universidade de São Paulo (USP): Departamento de Pós-Graduação do Depto. de Geografia da FFLCH-USP: Texto disponível *on line*:
< http://www.mw.pro.br/mw/antrop_imaginario_espaco_e_discriminacao_racial.pdf >. Acesso em: 27-10-2012. 2003;

_____. *Força Vital, Tempo e Espaço: a topologia do imaginário africano tradicional na crônica "Griot" de Sundjata Keita*. In: Revista África, nº 20-21, publicação do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). São Paulo: Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo. 2000;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário: Um ensaio "topo-lógico" relativo ao universo da cultura, do espaço e do imaginário*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 1997;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007.

1 **Onde Fica o Império Almorávida? Leituras Divergentes na Representação Espacial do Passado Africano pela Cartografia Escolar** é um *paper* primeiramente elaborado como subsídio para conferência temática proferida junto ao XV Curso de Difusão Cultural “Introdução aos Estudos de África”, promovido pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA/USP), durante o I Semestre de 2012. Posteriormente, foi publicado pela revista *Élisée*, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), revista de geografia da UEG, volume 1, nº 1, pp. 45-60, Jan./Jun. 2012 (Fac-símile: http://mw.pro.br/mw/imperio_dos_almoravidas.pdf). Em Setembro do ano de 2018, este artigo foi masterizado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF com os préstimos da **Editora Kotev (Kotev ©)**, mantendo todo o teor da edição original pela UEG. A formatação da edição de 2018 para a Internet contou com a Assistência de Editoração, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: francesco_antonio@hotmail.com; Home-Page: www.harddesignweb.com.br. **Onde Fica o Império Almorávida? Leituras Divergentes na Representação Espacial do Passado Africano pela Cartografia Escolar** é um material gratuito. Vedada a reprodução comercial e também, divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Onde Fica o Império Almorávida? Leituras Divergentes na Representação Espacial do Passado Africano pela Cartografia Escolar** deve incorporar referências ao autor e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Onde Fica o Império Almorávida? Leituras Divergentes na Representação Espacial do Passado Africano pela Cartografia Escolar*. Série Cartografia, Nº 7. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018..

2 **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área ambiental e uma carreira acadêmica com contribuições no campo da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Entre os anos 1970-1990, Waldman atuou como professor de geografia e de história em escolas da rede particular da capital paulista e como Diretor da Escola e dos Cursos Profissionalizantes da Fundação Estadual do Menor (FEBEM) e do Serviço SOS Criança (1997-2000). Waldman foi colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo e Rio de Janeiro), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). Waldman colaborou com diversas publicações acadêmicas de geografia e em cursos de capacitação de cartografia e uso do mapa em sala de aula para o magistério de I e II Graus na rede pública e particular de ensino em diferentes cidades do país. Fez parte

da Diretoria da *Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local São Paulo* (AGB-SP, 2003), colaborou com o site acadêmico *Geocarto - Website de Geografia e Cartografia*, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP (2010-2012) e durante dez anos (2004-2014), foi responsável pela disciplina *Geografia e Geopolítica da África* nos Cursos de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Autor de 18 livros e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman é autor, dentre outras obras, de *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992), *Geografia para o Ensino Fundamental* (Editora Didática Suplegraf, 1999), *Antropologia & Meio Ambiente*, primeira obra brasileira no campo da antropologia ambiental (SENAC, 2006) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*, obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 (Cortez Editora, 2010). Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP, 1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Plataforma Lattes-CNPq: http://lattes.cnpq.br/3749636915642_474

Verbete Wikipédia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

3 No Antigo Testamento, Cam, um dos filhos de Noé, teria zombado do pai, recaindo sobre ele o anátema da escravidão (Gênesis, 9: 23-27). Por outro lado, *note-se que não consta nenhuma indicação bíblica de que Cam fosse negro*. Na realidade, Cam, na Bíblia, refere-se a um antepassado comum de povos extremamente diferentes entre si, incluindo grupos localizados na orla africana do Mar Vermelho, populações do Mediterrâneo, do Levante e no seio da Mesopotâmia (Cf. Gênesis, 10:6-20).

4 Exemplificando, expressões de primeira grandeza do Iluminismo, tais como Voltaire (França), David Hume (Escócia), Immanuel Kant (Alemanha) e Thomas Jefferson (Estados Unidos), mesmo enfatizando a universalidade da razão, negaram aos africanos e sua descendência a posse de capacidades literárias. Quanto ao filósofo alemão Georg Hegel, na sua compreensão a África sequer faria parte da história universal. Tratar-se-ia de um continente situado no espaço e no tempo objetivamente físicos do planeta. Mas não no mapa ou na cronologia civilizacional da Humanidade (Cf. WALDMAN *et alli*, 2007: 23; APPIAH, 1997: 84)

5 O termo seria uma transliteração castelhana do árabe *Al-Murābitūn*, cujo significado exato é ainda hoje controverso. Há quem sugira que o termo proceda de *Ribat*, da raiz *r-b-t*, ou seja, fortaleza. Muitos advogam para *Ribat*, o significado de “preparado para a

batalha”. Entrementes, vertentes mais contemporâneas fazem avaliações diferentes, contestando conotações bélicas emprestadas ao termo. Além do significado muito próximo de conduzir a *Jihad* de modo justo, a palavra também remete à noção de atos de piedade, de devoção à causa do islã. O termo *ribat* pode, outrossim, designar o conjunto dos preceitos islâmicos, desvinculando-se de sentidos belicistas (Vide HRBEK et DEVISSE, 2011: 406).

6 O topônimo Sahel provém do árabe ساحل, *sahil*, significando costa ou fronteira. Trata-se de um domínio intercalado entre o Saara ao norte e as áreas mais férteis ao sul. Forma um corredor de 500-700 quilômetros que se estende do Atlântico ao Mar Vermelho, dominado fitogeograficamente por estepes e com precipitação entre 150-500 mm/ano. Do ponto de vista orográfico e biogeográfico, o Sahel constitui a *praia do Saara*.

7 Atentar para o fato de que a atual República de *Gana*, grafada sem “h”, não tem nenhuma relação com o Império do *Ghana*. A denominação Gana foi adotada no governo nacionalista de Kwamé Nkrumah para rebatizar a antiga Colônia Britânica da Costa do Ouro.

8 Por exemplo, fontes portuguesas do século XVI abundam em relatos sobre a presença de milhares de mercadores “mouros”, ou seja, maometanos, entre os quais constavam árabes, persas e indianos, no Império Monomotapa, em pleno plexo solar meridional do continente.

9 Até hoje, nas cavalcadas portuguesas e brasileiras, festividade cujo cerne é a ritualização das pelejas entre cristãos e mouros, se mantém a vinculação simbólica desses últimos com o islamismo.

10 À expressão “mouro”, se filiam outras palavras, tais como *mauro* e *maurício*, comumente utilizadas entre povos de língua portuguesa como nomes próprios ou ainda, fazendo presença enquanto sobrenomes.

11 Este é um dos motivos que tornam inapropriada a definição do Norte do continente formando uma “África Branca”.

TÍTULO COMPLEMENTAR

MAURÍCIO WALDMAN



O MAPA DE ÁFRICA EM SALA DE AULA: A Persistência do Imaginário da Desqualificação e do Racismo na Cartografia Escolar de África



EDITORA KOTEV
ÁFRICA & AFRICANIDADES: Coleção Acadêmica 2

http://www.mw.pro.br/mw/o_mapa_de_africa_em_sala_de_aula.pdf

CONHEÇA A SÉRIE CARTOGRAFIA



SAIBA MAIS: <http://mwtextos.com.br/serie-cartografia/>

A woman with long, wavy brown hair, wearing a black leather jacket and a black scarf, is looking down at her smartphone. The background is blurred, showing what appears to be a train or subway station.

EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV. ACESSE NOSSA PÁGINA: <http://kotev.com.br/>